



REPORTAGEM ESPECIAL

Empresas gaúchas querem reverter ciclo de baixa de suas ações na bolsa de valores

As empresas na Bolsa de Valores fecharam o primeiro semestre com desempenho em baixa com seu principal índice, o Ibovespa, em queda significativa de 7,66% no período, frustrando as expectativas dos investidores locais. E, no recorte de empresas gaúchas, o resultado não é diferente. Segundo análise exclusiva da consultoria Elos Ayta para o Jornal do Comércio, nove das 11 principais empresas do Rio Grande do Sul listadas apresentaram queda na rentabilidade de suas ações de janeiro a junho de 2024. Analistas aguardam a mensuração dos impactos das enchentes, mas não parecem se preocupar com uma deterioração do valor de mercado destas companhias devido à crise climática. Alegria por um lado, mas preocupação por outro. Afinal, o que deve ser feito para reverter este ciclo de baixa?

LEIA NAS PÁGINAS 6 A 9

Os 10 mandamentos do tubarão das franquias

José Carlos Semenzato

Empresário, jurado do Shark Tank Brasil

Um dos protagonistas do programa Shark Tank, do canal Sony, o empresário José Carlos Semenzato é um dos maiores nomes do franchising nacional. Fundador do Grupo SMZTO, que mantém investimentos em 15 redes de franquias – dentre elas OdontoCompany, EspaçoLaser e Oakberry –, o tubarão defende o franchising como uma alternativa mais segura para os empreendedores de primeira viagem.

Afinal, ao investir em uma franquia, em vez de precisarem construir um empreendimento do zero, os novos empresários apostam em um negócio testado, aprovado e consolidado no mercado. Além disso, desde o momento da implantação da unidade contam com o suporte da franqueadora em todas as áreas relativas à operação – treinamento, gestão, finanças, marketing, logística etc.

Mesmo assim, adverte Semenzato, para ser bem-sucedido os empreendedores precisam ser determinados e disciplinados. A seguir, confira 10 dicas do tubarão para quem pretende investir em uma

franquia:

1 - Tenha cautela antes de assinar contrato: Antes de assinar contrato com uma franqueadora, o foco total do investidor deve ser no seu plano de negócios e nas visitas a franqueados novos e maduros da rede. Será nesses contatos que ele irá obter informações relevantes para que se sinta seguro em prosseguir. Se os atuais franqueados não estão satisfeitos, talvez seja um sinal de alerta para que o potencial franqueado reveja sua intenção de investir naquela marca.

2 - Não dê um passo maior do que a perna: O candidato precisa necessariamente ter o capital exigido para executar o plano de negócios. Não pode haver imprevisto. Esse pode ser um erro fatal, que muitas vezes pode inviabilizar a implantação de forma plena do negócio.

3 - Invista em uma área com a qual tenha afinidade: Ao se escolher uma rede de franquias, o primeiro ponto a ser analisado é a afinidade do candidato com o ramo do negócio. Antes de mais nada, tenha certeza de que o segmento de negócio no qual pretende investir é algo com o qual você tenha algum

nível de afinidade.

4 - Metade do seu sucesso depende de você: Quando um negócio se torna franquia, ele já está consolidado. Assim, ao adquirir uma franquia, o empreendedor compra 50% do sucesso. Os outros 50% dependerão de sua capacidade e do seu empenho na implantação do negócio.

5 - Seja dedicado e disciplinado: Parece simples, mas muitos candidatos não possuem a disciplina de abraçar fielmente o que o franqueador recomenda. Assim, tentam criar novos modelos de gestão, quebrando a cara na maioria das vezes para depois descobrirem que o segredo estava no know-how do franqueador que eles haviam negligenciado.

6 - Busque a excelência: O empreendedor deve ter a noção de que precisa perseguir a perfeição em tudo o que fizer. Em qualquer área – e não apenas no empreendedorismo –, quem sonha em vencer precisa, permanentemente, buscar a excelência.

7 - Divida para multiplicar: Quando fundou a rede de cursos profissionalizantes Microlins, mesmo sem conhecer o mundo do

franchising, Semenzato se uniu a alguns sócios já no primeiro ano do negócio. “Ao oferecer 50% para esses sócios operadores nas unidades regionais, consegui capitalizar melhor o negócio com novas injeções de recursos”, conta o tubarão.

8 - Forme equipes com pessoas melhores do que você: “O mundo seria bem melhor se todos os líderes empresariais exercitassem a formação de pessoas, preparando-as para tomarem o seu lugar em algum momento”, diz Semenzato. “O problema está no fato de a maioria dos empresários bem-sucedidos não formar novos líderes, não transmitir conhecimentos e, desta forma, não aparelhar os promissores talentos para assumirem papéis de protagonismo na gestão de seus respectivos empreendimentos”.

9 - Nunca se acomode: “A ânsia de buscar novas conquistas e a disposição de aprender sempre mais estão entre os principais segredos do sucesso no empreendedorismo”, afirma Semenzato. “Não se acomode. À medida que os desafios e metas forem sendo atingidos, estabeleça novos alvos”.

10 - Mantenha a mente aberta:



Não pode haver imprevisto. Esse pode ser um erro fatal, que muitas vezes pode inviabilizar a implantação de forma plena do negócio

Para Semenzato, ter a mente aberta para o novo faz parte do DNA do empreendedor de sucesso. “No empreendedorismo, a vontade de aprender é fundamental para que se consiga acompanhar as tendências de cada segmento. Aprimorar-se constantemente é adaptar-se em tempo real às novas exigências do mercado e, com isso, não apenas sobreviver, mas até mesmo antever movimentos e desta forma caminhar à frente dos concorrentes”, argumenta.

Desafios sociais em tempos de crise e as necessidades interseccionais

Luciana Cattony e Susana Sefidvash Zaman

Fundadoras da Maternidade nas Empresas, consultoria especializada em equidade de gênero

A escritora e ativista política Simone de Beauvoir dizia que “basta uma crise política, econômica ou religiosa, para que os direitos das mulheres sejam questionados”. Depois de muitos anos que essa célebre frase foi dita pela primeira vez, pouca coisa mudou, já que as vulnerabilidades em situações de crise seguem acontecendo e são resultado de uma complexa intersecção de desigualdades, desafios econômicos e barreiras culturais. A sociedade foi construída com políticas e práticas elaboradas predominantemente por homens brancos que priorizam o seu benefício imediato, e muitas vezes desconsideram as necessidades de outros grupos, o que fez com que mulheres e crianças vivessem sempre à margem.

A tragédia que está acontecendo no Rio Grande do Sul exempli-

fica como os desastres evidenciam e, inclusive, aumentam as desigualdades sociais, perpetuando um ciclo de pobreza e vulnerabilidade contínuo, especialmente em grupos marginalizados. Nos abrigos que visitamos, observamos que, enquanto algumas pessoas eram ouvidas e atendidas em suas necessidades e privilégios, outras — como mulheres negras e trans —, sofriam negligências, enfrentando dificuldades até para acessar itens básicos, como shampoo ou banheiro privativo. Essa falta de escuta ativa, atenta e empática por parte de quem está ajudando, seja governo ou voluntários, alerta para o despreparo com que lidamos com desafios sociais, principalmente em momentos de calamidade, quando se trata de gênero e classe.

Outro exemplo claro foi o que vivemos durante a pandemia de COVID-19, quando as mulheres foram as que mais deixaram seus empregos, de acordo com dados divulgados em 2022 pelo Institu-

to Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Elas frequentemente assumem a responsabilidade principal pelo cuidado da família e, após as enchentes no Sul do país, essa carga tende a aumentar devido à necessidade de cuidar de crianças, idosos e doentes, além de reconstruir e limpar suas casas.

Assim como a exclusão feminina do mercado de trabalho, com a justificativa de que elas engravidam, a crise climática que estamos vivendo reflete um pensamento imediatista e a busca pelo lucro a qualquer preço — o que faz com que, muitas vezes, as políticas sejam elaboradas sem considerar a sustentabilidade a longo prazo. Um exemplo é a licença paternidade, que oferece apenas cinco dias de abono pelo nascimento de um filho ou filha, fomentando e perpetuando a sobrecarga sobre mães, e ampliando as desigualdades de gênero.

A solidariedade do coletivo, tem se tornado um grande impul-

so para aqueles que vão precisar recomeçar. As nações precisam ver o futuro da humanidade como projeto social, sendo uma responsabilidade coletiva que inclui famílias, agentes privados e públicos, instituições e a comunidade, visando amparar as próximas gerações, além de formar melhores cidadãos, eleitores e profissionais.

Passou da hora de reconhecermos o novo momento mundial e entendermos que o cuidado, em todos os sentidos, é o melhor caminho para prosperar. Isso começa na valorização do ser humano em detrimento do lucro imediato, olhando principalmente para as necessidades de cada grupo. Diante deste cenário, temos a oportunidade de refletirmos sobre os nossos esforços e, dessa maneira, sairmos mais fortalecidos, com um olhar empático e cuidadoso. Para isso, é fundamental que as políticas públicas reconheçam as particularidades da sociedade, garantindo que ninguém seja deixado para trás.

Correção

Diferentemente do que foi publicado na reportagem Emergência climática traz necessidade de mudança em parâmetros de risco de desastres, veiculada no caderno Empresas & Negócios em 27 de maio, o engenheiro Guilherme Marques, do IPH da Ufrgs, aponta que há o aumento de ocorrências de clima severo não só no RS, mas no Brasil e no mundo, e também que uma ponte que antes era construída com 50 anos de período de retorno, terá de ser construída prevendo um período maior.

Indústria têxtil brasileira busca mais espaço no mercado mundial

Maria Amélia Vargas
mavargas@jcrs.com.br

Há mais de quatro décadas no comando da Fenin Fashion, Julio Viana acabou de encerrar a terceira edição da feira em Balneário Camboriú (SC). Assim como o lançamento das coleções Outono/Inverno, que ocorre desde 1982 em Gramado, a versão com a moda voltada para Primavera/Verão ganha mais expositores e público a cada ano. Em conversa com o Jornal do Comércio, ele faz um panorama do setor ao longo deste tempo e prospecta os próximos passos. Na avaliação do diretor da Fenin, com incentivos do governo federal, a indústria têxtil brasileira poderia ganhar cada vez mais espaço no mercado internacional. "Hoje, na Europa, existe um conceito de não quer comprar da China. Eles estão procurando outras alternativas e uma das alternativas que os europeus viram é o Brasil", afirma.

Empresas & Negócios – Qual é o balanço que o senhor faz desta edição da Fenin em Santa Catarina?

Julio Viana – A Fenin de Camboriú deste ano me surpreendeu pela quantidade de gente e de empresas grandes que veio do Meio Oeste, Norte e Nordeste. Isso aconteceu porque conseguimos acertar a data e transferir a feira do final de junho para o início de julho, já que o São João dessas regiões ocorre o mês inteiro, e é melhor que o Natal para eles. Então, este ano foi muito bom o volume de negócios. Isso aí foi uma coisa que funcionou com a confecção geral e com a com a parte dos importadores.

E&N – Em termos de volume de vendas, qual foi o montante negociado?

Viana – Tivemos em torno de R\$ 350 milhões a R\$ 400 milhões em vendas, mas este número pode até mais do que dobrar no pós-feira.

Este é um valor um pouco maior do que o do ano passado, assim como a quantidade de visitantes, que superou em 20% a 2023.

E&N – Quais são as expectativas para a próxima feira?

Viana – Para a próxima feira, em Camboriú, acredito em um acréscimo bem relevante de expositores porque eu tive reuniões com o Sintex, que é um dos maiores sindicatos do setor no Brasil, falei também com umas 10 malharias de lá para acertar melhor a data. Como eles lançam mais cedo, querem apresentar seus lançamentos com antecedência também. Eles já estão fazendo uma segunda coleção justamente para poder abranger a feira. Fora isso, o presidente do Sebrae Nacional, Décio Lima, que já foi prefeito de Blumenau e conhece bem a região e as empresas, está sendo procurado para contatar as empresas menores para participarem do evento.

E&N – Qual foi a participação dos expositores estrangeiros na feira?

Viana – A participação de expositores de fora foi menor do que a edição de Gramado, mas veio gente do Paraguai, da China, da Argentina, da Tailândia, da Índia. A maioria para vender insumos, como tecidos e maquinários.

E&N – Neste ano, participou um grupo de nove confecções gaúchas. Elas superaram a tragédia climática e conseguiram expor suas novidades. Como o senhor avalia essa participação?

Viana – Nós soubemos de muitas

Atualmente, o Rio Grande do Sul, principalmente no feminino, tem um produto de primeira linha e que vem ganhando mercado



Executivo à frente da Fenin Fashion, um dos mais importantes eventos do setor, elogia a confecção gaúcha

empresas que tiveram muitos prejuízos, que perderam maquinário inteiro e outros tantos itens. Mas as que estiveram conosco conseguiram salvar mostruários e levar amostras atualizadas ao evento. Elas contavam com a feira para isso, a grande maioria não tem representantes e sobrevive com a pronta entrega. O desempenho deste grupo foi melhor do que se imaginava, vendendo para boas empresas. Tanto que o Sebrae já quer rever, colocar mais gente.

E&N – Como o senhor vê o mercado têxtil gaúcho atual?

Viana – Se compararmos esse pessoal de 10 anos atrás para agora, mudou da água para o vinho. Nossos produtos não eram tão bons e foram melhorando com o tempo. Atualmente, o Rio Grande do Sul, principalmente no feminino, tem um produto de primeira linha e que vem ganhando mercado, porque não é um produto chinês, é local e de qualidade. O varejo pequeno gosta de comprar deles, já que não tem aquela coisa de grandes quantidades, é meio que uma exclusividade. O lojista compra três vestidos, não é que nem o produto chinês onde tem que comprar 100, senão a pessoa não te entrega. O produto gaúcho sempre foi muito bom, muito bem acabado, até porque a mão de obra é mais cara e o gaúcho tem um feeling para moda e design. Aqui o pessoal faz um produto bom, bonito. É mais caro, mas é diferenciado.

E&N – Nessas quatro décadas de Fenin em Gramado, quais transformações podem ser observadas no segmento?

Viana – Nesse tempo, vi mui-

tas empresas abrirem, quebrarem com planos econômicos. No tempo do Sarney, tínhamos um grande parque têxtil aqui e eu consegui fazer uma feira no Laje de Pedra, em Gramado, com praticamente só pessoal do Rio Grande do Sul. Hoje, tu contas nos dedos as malharias de tricô que temos aqui, que ficavam localizadas mais na Serra, em Farroupilha e Caxias do Sul. A confecção está voltando aos poucos a ser o que era. Se tu vais ver, são todas empresas novas. É uma nova era, que está indo bem, desde que o governo não atrapalhe.

E&N – Como está a questão do e-commerce para lojistas?

Viana – A venda online funciona muito entre o lojista e o consumidor final, porque a compra é pouca, é uma calça, uma camisa, um moletom, uma sacolinha de quatro/cinco peças. Se ele não gostar, pode devolver ou trocar com facilidade. A venda da indústria para o lojista é diferente, pois para o lojista é impossível se fazer isso. Primeiro, porque ele não compra pouco e precisa analisar o tecido, o acabamento. Se vier errado, ele vai ter problema, é um problema para trocar porque ele compra mil peças de cada produto. Em alguns produtos que será só repetição, aí vale comprar a distância, é só ligar para o representante e resolver. Mas quando é lançamento de coleção, ele tem que olhar, tocar, sentir a textura.

E&N – Como o senhor vê o mercado têxtil brasileiro em comparação com o internacional?

Viana – Poderíamos ser a China da América Latina, se o governo federal ajudasse, no segmento

da confecção. Não daqui, mas da América do Norte também, porque o americano também iria comprar da gente. Qualidade nós temos, o que nós não temos é preço competitivo. Na feira mesmo, falei com um pessoal de Portugal que começou a fazer uma brincadeira de show room brasileiro. E o que aconteceu? Hoje na Europa existe um conceito de não quer comprar da China. Eles estão procurando outras alternativas e uma das alternativas que os europeus viram é Brasil. Nós fazemos um jeans de moda muito bonito, a nossa matéria-prima é um pouco diferente fabricada lá, que é melhor, mas a modelagem que nós fazemos é bem aceita. Então pessoal quer lingerie, moda praia, jeans e o vestido brasileiro, porque eles acham que o vestido brasileiro despojado e mais interessante de vender.

E&N – Quais seriam os incentivos do governo federal, aos quais o senhor se refere, que seriam importantes para o segmento?

Viana – Tinha que começar desde a indústria, desde a tecelagem, principalmente o incentivo de imposto. Fazer a desoneração de várias coisas porque não temos condições de ter preços competitivos. Tu não podes diminuir o salário da pessoa, então nós temos que tirar dos outros lados. A China é grande porque lá tudo é subsidiado, gera imposto, mas é um imposto pequeno. Produto a gente tem, qualidade a gente tem, mas não temos competitividade. Então o cara prefere vender o algodão em fio, o commodity, do que o produto pronto. E se ganha muito mais com o produto pronto.

Enfrentar medos e cultivar a curiosidade

Audrey Vitória, 33 anos, é gestora de Recursos Humanos na Vilella Bank, onde lidera uma equipe de 26 pessoas. A trajetória profissional variada e cheia de desafios trouxe também um jeito especial de acolher quem está dando os primeiros passos na vida profissional, priorizando uma abordagem focada no desenvolvimento pessoal e na comunicação entre os colaboradores.

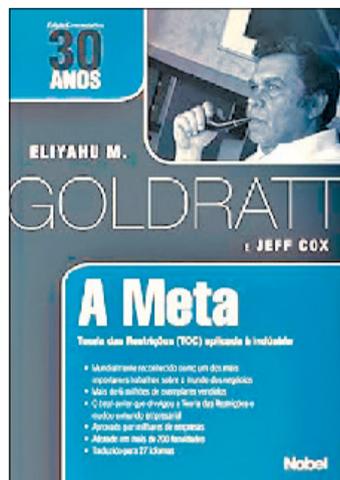
A porto-alegrense iniciou sua carreira como telefonista e recepcionista na Aspecir Previdência, em um estágio pelo CIEE-RS, no ensino médio. Logo aproveitou a oportunidade para desenvolver duas características fundamentais para o sucesso na gestão de pessoas: comunicação e postura organizacional. Foi um divisor de águas, proporcionando competências como comprometimento e pontualidade.

Em paralelo, dentro do CIEE-RS, Audrey participou de oficinas, buscando aprender e se desenvolver. Não demorou a entender que enfrentar medos e cultivar a curiosidade constante seriam os pilares da sua caminhada, tanto pessoal quanto profissional.

Audrey compartilha dicas valiosas:
"Lidar com o desconforto, desenvolver a comunicação e buscar crescimento são fundamentais."

Outro estágio que marcou a vida da gestora de RH foi no Marketing do SESC-RS. "A experiência me proporcionou uma compreensão abrangente dos processos empresariais, envolvendo desde a recepção e o processamento de notas fiscais até a produção de brindes. Trabalhei com diversos sistemas, atendi ao SAC e entendi como contribuir para a melhoria dos processos internos, aprimorando a eficiência e a comunicação dentro da organização", destaca.

Atualmente, uma das responsabilidades da Audrey é justamente o recrutamento de jovens. Ela valoriza o desenvolvimento técnico nas empresas, priorizando candidatos alinhados à cultura organizacional de empreendedorismo e proatividade. E acrescenta que é crucial selecionar talentos com entusiasmo genuíno e determinação para concretizar projetos significativos: "Jovens com brilho nos olhos são essenciais para fazer acontecer dentro da nossa equipe."

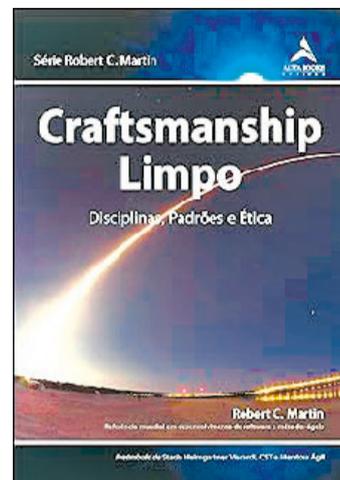


Gestão

Eliyahu M. Goldratt, líder internacional de renome no desenvolvimento de novos sistemas e filosofias gerenciais, ajudou algumas das maiores empresas do mundo, incluindo General Motors, Procter e Gamble, AT&T, NV Philips, ABB e Boeing, com a aplicação de suas teorias na gestão de negócios. Físico formado pela Universidade de Tel Aviv, com mestrado e doutorado em filosofia na Universidade de Bar-Ilan, além do seu trabalho pioneiro no campo da administração, Goldratt fundou a TOC for Education, uma organização sem fins lucrativos dedicada a levar os processos de raciocínio da TOC para professores e estudantes. Esta obra é reconhecida como um dos livros de negócios recordistas em vendas de todos os tempos. Quando a versão em japonês foi publicada, vendeu mais de 500 mil cópias em menos de um ano. A Meta faz parte de uma lista especial publicada pela Time, em que foi considerado um dos "25 livros de negócios mais influentes - que mudaram a forma que pensamos sobre a administração", mesmo tendo sido escrito em 1984.

Os conceitos desse livro são apresentados no estilo literário de um romance, isso faz com que a didática seja incrivelmente eficaz e que o conteúdo seja consumido com uma pitada adicional de motivação.

A Meta; Eliyahu Goldratt; Editora Nobel; 400 páginas; R\$ 119,90; Disponível em versão digital



Craftsmanship

Não se apresse ao ler Craftsmanship Limpo. Deixe-se impregnar pelos princípios. Pratique-os. Melhore-os. Oriente outras pessoas. Deixe esta obra sempre à mão, à vista de todos. Deixe este livro ser seu velho amigo — seu Uncle Bob, seu guia — à medida que você percorre os caminhos deste mundo com curiosidade e coragem. Com os insights do Uncle Bob, todos os programadores e seus gerentes podem entregar com frequência códigos que ganham a confiança em vez de prejudicá-la — confiança entre usuários e em todas as sociedades que dependem do software para sua sobrevivência. – Caminhando em direção ao verdadeiro norte do software craftsmanship: ao estado de saber programar bem. – Orientação prática e específica para a aplicação de cinco disciplinas principais: desenvolvimento orientado a testes, refatoração, design simples, programação colaborativa e testes de aceitação. – Como desenvolvedores e equipes podem incentivar a produtividade, a qualidade e a coragem. – O verdadeiro significado de integridade e de trabalho em equipe entre programadores e dez compromissos específicos que todo profissional de software deve assumir.

Craftsmanship Limpo: Disciplinas, Padrões e ética; Robert C. Martin; Alta Books; 416 páginas; R\$ 94,90; Disponível em versão digital



Neurociência

Um encontro com Felipe, de apenas 7 anos, obrigou o premiado neurocientista francês Stanislas Dehaene a rever radicalmente suas ideias sobre aprendizado. Mesmo preso a um leito de hospital e completamente cego em consequência de uma bala perdida, o menino brasileiro manteve intacta sua sede de aprender. Mas, final, como o cérebro humano consegue adaptar-se às circunstâncias reprogramando-se e, assim, continuar aprendendo? Do questionamento surgiu este poderoso livro.

O autor nos conta que nosso cérebro é uma máquina extraordinária e continua sendo a melhor fonte de inspiração para os desenvolvimentos recentes da inteligência artificial. É assim que aprendemos vai até os limites da ciência da computação, da neurobiologia e da psicologia cognitiva para explicar como o aprendizado realmente acontece e como fazer melhor uso dos algoritmos de aprendizado do cérebro em nossas escolas e universidades, e também na vida cotidiana.

Há palavras tão familiares que obscurecem o que elas significam no lugar de iluminar. 'Aprender' é uma palavra assim. Parece tão simples, todo mundo aprende. Na verdade, porém, está mais para uma caixa-preta, que Dehaene abre para revelar seus incríveis segredos. Sua explicação do funcionamento dos mecanismos do cérebro é uma excelente introdução.

É assim que aprendemos: por que o cérebro funciona melhor do que qualquer máquina (ainda...); Stanislas Dehaene; Contexto; 368 páginas; R\$ 79,90; Disponível em versão digital

Responsabilidade social

ONG Prototipando a Quebrada doa computadores para o Rio Grande do Sul

» *Por meio de donativos, organização de SC deseja ser um agente ativo na retomada gaúcha*

Matheus Trevizan
matheust@jcrs.com.br

A ajuda para o Rio Grande do Sul vem de todos os lugares e de diversas formas. Nesse caso, ela vem de Florianópolis, em Santa Catarina. A ONG Prototipando a Quebrada (PAQ), que surgiu oficialmente em 2021, buscou apoiar na reconstrução do Estado por meio da doação de 50 computadores. A ação foi liderada pelo fundador e CEO da ONG, Jeff Lima, e seu colega e cofundador, Pedro Tedaldi Santantonio. Eles fizeram a entrega dos equipamentos no início do mês de junho, dia 4, ao Instituto Caldeira que, naquele momento, estava alocado no Tecnopuc, devido à inundação de sua sede, e ao Instituto Ascendendo Mentes, responsável pela Regional Sul da Gerando Falcões, que auxiliaram a direcionar as máquinas.

Segundo Lima, 20 computadores foram para os jovens do programa de formação do Geração Caldeira e 30 computadores foram direcionados para a rede de líderes de organizações do terceiro setor que atuam na Grande Porto Alegre. “Foi nesse cenário de ONGs realizando atendimento nos abrigos e precisando de computadores para atuar que percebemos que poderíamos contribuir com equipamentos” relembra Lima.

A ONG é descrita pelo fundador como uma organização que trabalha com a ponte entre centros de inovação, espaços de tecnologia e jovens periféricos. Segundo o CEO, criou-se uma comunidade de aprendizagem autodirigida em rede que traz talentos da periferia para dentro do centro de inovação e os desenvolvem para que estejam preparados para entrar no mercado de trabalho de tecnologia, como, programadores e designers. A intenção é fazer com que esses jovens percebam que também é para eles esse espaço de inovação e carreiras dentro desse cenário de tecnologia. “Hoje estamos na grande Florianópolis, mas já estamos atuando em parcerias nacionais e levando a nossa metodologia para outros lugares

também” comenta Lima.

“Nós já somos um HUB de recebimento e de direcionamento de equipamentos de tecnologia” afirma Lima. Ele comenta que já faz dois anos que vem sendo recebidas doações de empresas da área da tecnologia e de pessoas físicas. Para receber essas doações, eles primeiramente organizaram a sua infraestrutura e assim tiveram condições de compartilhar o trabalho que desenvolvem para poder ajudar aos outros. A ONG reforça que acredita muito na ideia de compartilhar e que se orgulha de fazer esse movimento de rede de contatos ao conseguir direcionar computadores para outras organizações do terceiro setor. Esse movimento se mostrou ainda mais importante quando perceberam a gravidade do que estava ocorrendo no Rio Grande do Sul, pois a entidade percebeu que tem muitos alunos em Florianópolis que vieram do Rio Grande do Sul para morar na cidade e tem família lá. “Então pensamos em como poderíamos contribuir num momento tão delicado. Nós já estávamos na quinta leva de doações, íamos direcionar 100 computadores e notebooks para a grande Florianópolis, mas então decidimos direcionar 50 pra cá e os outros 50 para o Rio Grande do Sul, sendo essa a nossa forma de fazer um farol, de mostrar que mesmo uma ONG da Grande Florianópolis podia fazer a diferença” explica Lima.

O processo de manutenção e formatação de parte dos computadores encaminhados para doação é feito totalmente pelos alunos da Prototipando a Quebrada. “Nós recebemos as doações, eles fazem a triagem e depois nós nos encarregamos de levar” diz o CEO.

Foram então o CEO Jeff Lima e o cofundador Pedro Tedaldi para Porto Alegre fazer a entrega. Lima fez a entrega para o Instituto Caldeira enquanto Tedaldi em parceria com a Nina Cardoso do Ascendendo Mentes fez a entrega para as organizações que atuam no cuidado com as pessoas desabrigadas.



Voluntários realizaram a reparação de computadores para destiná-los a quem precisa da ajuda



O cofundador Pedro Tedaldi (centro) acompanhou a entrega das doações no Estado

A PAQ destaca que garantir com que esses computadores chegassem aos jovens que estão estudando, se desenvolvendo para a área de inovação e tecnologia e entrando como inclusão produtiva para as empresas, é importante para o processo de reestruturação do RS e para a ocupação de vagas de trabalho no longo prazo para o estado, além de serem ferramentas importantes para auxiliar no processo de quem faz o acolhimento e ajuda na reestruturação de

pessoas que perderam tudo, garantindo que o processo tenha continuidade.

Os fundadores afirmam querer ser um agente ativo no processo de reconstrução. “Foram 50 computadores doados e já notamos a diferença, mas ainda tem muito trabalho” exclama o CEO. Para o futuro, a ONG gostaria de fazer mais dois dois movimentos de ida para Porto Alegre e se possível, também para outras localidades do estado. Entretanto, eles dependem das doações que

chegam e convidam então as empresas e pessoas físicas que tem interesse em apoiar, a fazerem as suas doações.

Os interessados podem entrar em contato pelo telefone (48) 934-4387, pelo e-mail prototipandoaquebrada@gmail.com ou Instagram @prototipandoaquebrada. O projeto de conserto e doação de computadores é uma iniciativa permanente do PAQ e busca contribuir para a instalação de laboratórios de informática em regiões de vulnerabilidade social.

REPORTAGEM ESPECIAL

Ações de empresas gaúchas na Bolsa acumulam desvalorização

» Papéis negociados na B3 acompanharam queda do Ibovespa, com algumas exceções à regra



Roberta Mello, especial para o JC
economia@jornaldocomercio.com.br

Após um início de ano marcado pelo otimismo e entusiasmo com as previsões de retomada do crescimento, queda da inflação e dos juros e reformas que se desenhavam, o mercado financeiro amarga uma realidade bem diferente. O primeiro semestre se encerrou e ficou bem aquém do sonhado pelos investidores de ações locais. O Ibovespa, principal índice da bolsa de valores brasileira, fechou com queda de 7,66% no período.

Entre as companhias gaúchas, o panorama é preocupante. De acordo com estudo da consultoria Elos Ayta obtido com exclusividade pelo Jornal do Comércio, nove das 11 principais empresas oriundas do Rio Grande do Sul listadas na bolsa pesquisadas acumulam queda na rentabilidade de suas ações de janeiro a junho de 2024.

A Marcopolo, fabricante de carrocerias de ônibus de Caxias do Sul, é o destaque com maior alta (12,57%). Já o Grupo Grazziotin, que atua no comércio varejista nos ramos de vestuário e utilidades

domésticas, completa a breve lista que revela o desempenho positivo - com leve alta de 0,54%.

A seguir, gigantes de diferentes setores que vão do agronegócio à indústria, passando também pelo setor bancário e pelo varejo, apresentam perdas. As ações com desempenho mais negativo foram as de Lojas Renner (-26,76%), Dimed (-26,6), grupo formado pelas marcas Panvel, Dimed e Laboratório Industrial Farmacêutico Lifar, e 3Tentos (-16,95), de soluções para o agronegócio, conforme estudo realizado pela consultoria.

Os resultados - tanto entre as empresas do Ibovespa quanto entre o recorte de gaúchas analisadas - é reflexo de fatores macroeconômicos, segundo analistas do mercado. Cenários como a alta no dólar em relação ao real (com valorização de 15,17% no primeiro semestre de 2024) e a manutenção dos juros em patamares altos impactam negativamente, principalmente aquelas companhias focadas no mercado consumidor interno.

Entre as ações com desempenhos negativos no Ibovespa, despontam Azul (AZIL4), Yduqs

(UDUQ3) e Cogna (COGN3) liderando as perdas. As empresas tiveram baixas de 54,15%, 52,74% e 49,28%, na ordem.

As empresas aéreas têm custos em dólar e receita em real, e por isso tendem a reagir mal à desvalorização do câmbio. Já o setor de Educação é sensível ao risco, pois depende de uma maior concessão de crédito por parte do governo. Por outro lado, se beneficiam exportadoras, altamente dolarizadas, como é o caso de BRF, Embraer, JBS e Marfrig - com altas de 64,16%, 61,46%, 29,55% e 27,42%, respectivamente.

Maiores altas do Ibovespa em 2024 até junho

Empresa	Código	Retorno (%)
BRF SA	BRFS3	64,16
Embraer	EMBR3	61,46
JBS	JBSS3	29,55
Marfrig	MRFG3	27,42
Cielo	CIEL3	25,38
Cemig	CMIG4	17,48
Weg	WEGE3	15,43
Petrobras	PETR3	13,81
San Martin	SMT03	13,20
Petrobras	PETR4	12,78

FONTE: ELOS AYTA / DIVULGAÇÃO JC

Maiores quedas do Ibovespa em 2024 até junho

Empresa	Código	Retorno (%)
Azul	AZUL4	-54,15
Yduqs Part	YDUQ3	-52,74
Cogna	ONCOGN3	-49,28
Cvc Brasil	CVCB3	-44,00
Magazine Luiza	MGLU3	-43,86
MRV	MRVE3	-40,52
Vivara S.A.	VIVA3	-37,85
Pão de Açúcar	PCAR3	-33,50
Localiza	RENT3	-32,71
Lwsa	LWSA3	-32,6

FONTE: ELOS AYTA / DIVULGAÇÃO JC

Rentabilidade das ações de empresas gaúchas em 2024 de janeiro a junho

Empresa	Código	Retorno (%)
Marcopolo	POMO	412,57
Graziotin	CGRA	30,54
SLC Agrícola	SLCE3	-3,07
Gerdau	GGBR4	-5,42
Kepler Weber	KEPL3	-8,82
Banrisul	BRSR6	-12,04
Randon Part	RAPT4	-14,69
Grendene	GRND3	-15,24
3Tentos	TTEN3	-16,95
Dimed	PNVL3	-26,6
Lojas Renner	LREN3	-26,76
Ibovespa	IBOV	-7,66

FONTE: ELOS AYTA / DIVULGAÇÃO JC

Dólar valorizado, alta taxa de juros e ruídos políticos instigam investidores a buscarem alternativas

FUNDAMENTA/DIVULGAÇÃO/JC

Com a decisão do Banco Central brasileiro por interromper o ciclo de queda na taxa de juros que vinha ocorrendo desde agosto de 2023 e manter a Selic no patamar atual, em 10,50% ao ano, o momento é de cautela nas previsões. Com isso, a renda fixa segue no topo das indicações, com destaque para os títulos atrelados à inflação, sejam públicos ou privados.

Lais Martins Fracasso, sócia da Fundamenta Investimentos, ressalta que, quando há expectativa de juros mais altos para os próximos anos, as empresas têm menor predisposição a investir em seu crescimento e seus custos de dívida ficam mais caros. “É as taxas de juros no Brasil só teriam espaço para diminuir se houvesse sinais claros de redução da inflação. Esta, por sua vez, é muito impactada pela alta do dólar e pelo desequilíbrio das contas públicas”, explica Lais.

O que vem ocorrendo na bolsa brasileira neste primeiro semestre é que os investidores não estão acreditando que há espaço para uma redução firme da inflação, o que levaria o Banco Central a manter mais tempo os juros em patamares altos, impactando ne-



Lais diz que empresas têm menos predisposição para investir com juros altos

gativamente os preços das ações nesse período. “O governo federal deve ter um compromisso sério de redução de gastos para passar credibilidade de que está engajado no controle de inflação, equilibrando as políticas fiscal e monetária”, comenta Lais.

Gustavo Bertotti, Head de Ren-

da Variável da Messer Investimentos, lembra que o primeiro semestre foi marcado por ruídos políticos, que precisam passar para que haja uma recuperação, ainda que lenta e gradual, nos meses seguintes. “É muito ruim para o mercado ver o governo revisando metas fiscais e tecendo

críticas ao presidente do Banco Central (Roberto Campos Neto)”, complementa.

Incertezas vindas do exterior, em especial acerca da trajetória dos juros nos EUA, somadas à inflação doméstica acima do esperado e às dúvidas do lado fiscal, levaram os títulos do Tesouro Direto corrigidos pelo IPCA a pagarem taxas mais altas, acima da média histórica, observa Arley Junior, estrategista de Investimentos do Santander Brasil. Além disso, investir nestes títulos é uma forma de proteger parte da carteira contra a variação dos preços, acrescenta.

Ao contrário do esperado em janeiro de 2024, poucos acreditam que a Selic chegue a 9,5% até o final do próximo semestre. Economistas da Anbima (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais) projetam, no entanto, que a taxa Selic deve ser mantida em 10,50% neste ano, sem novos cortes até dezembro.

O momento requer cautela para investir em produtos mais arrojados, como fundos multimercados ou ações de empresas brasileiras, na avaliação do Santander. “Ainda vemos a inflação brasileira conver-

gindo à meta ao longo do tempo e os juros caminhando para um patamar mais baixo, o que ajudaria o mercado de investimentos e levaria a uma migração para produtos de maior risco. Mas a retomada de cortes na Selic depende em parte da queda dos juros nos EUA, que nas nossas projeções foi postergada para o último trimestre”, resume Junior.

O cenário segue benéfico para alternativas de investimentos mais conservadoras, como títulos de renda fixa que, não à toa, registraram as maiores rentabilidades no primeiro semestre, segundo os índices da Anbima. Entre os títulos corporativos, o IDA-DI, índice que acompanha os títulos remunerados pela taxa diária DI, tiveram a maior rentabilidade do semestre, com crescimento de 6,95%.

Enquanto isso, entre as debêntures indexadas ao IPCA, aquelas que contam com incentivo fiscal, refletidas no IDA IPCA infraestrutura, registraram ganho de 2,63% no ano. Os papéis sem incentivo fiscal, no IDA Ex-Infraestrutura, tiveram performance parecida, com avanço de 2,89% no semestre.

REPORTAGEM ESPECIAL

Enchentes não devem comprometer resultados obtidos pelas companhias gaúchas na Bolsa de Valores

Roberta Mello, especial para o JC*
economia@jornaldocomercio.com.br

As recentes enchentes que atingiram o estado do Rio Grande do Sul trouxeram desafios significativos para diversas empresas gaúchas. Embora a catástrofe climática tenha apresentado adversidades operacionais, especialmente para as varejistas locais, analistas indicam que o desempenho das empresas locais listadas na bolsa não deve sofrer impacto significativo.

A presença de estruturas de governança consolidada, sua grande capacidade de financiamento e a garantia de operações diversificadas nacional e internacionalmente são fatores cruciais na mitigação de riscos locais.

Por isso, conforme a sócia da Fundamenta Investimentos, Laís Martins Fracasso, o impacto do evento climático nas varejistas gaúchas foi menor do que se poderia imaginar inicialmente. “Empresas como Renner, Quero-Quero, Graziotin, Grendene e Panvel, embora enfrentem dificuldades derivadas das condições macroeconômicas brasileiras, como a queda na confiança do consumidor e a alta do dólar que encarece importações, não viram suas operações significativamente comprometidas pelas enchentes. Isso se deve ao fato de que a maioria dessas empresas já possui uma presença nacional consolidada. Centros de distribuição e lojas afetados localmente foram compensados por outras unidades ou não têm um impacto relevante na receita total”, ressalta.

Indústrias como Gerdau, Marcopolo e Randon, que têm operações globais e estão focadas na redução de custos e melhoria da rentabilidade, conseguiram mitigar os efeitos das questões econômicas internas do Brasil. “Essas estratégias têm contribuído para melhorar as perspectivas de resultados, apesar do contexto desafiador”, diz Laís.

Negócios de outros setores, como agronegócio, representado pela SLC Agrícola, e construção civil, exemplificado pela Melnick, também devem conseguir contornar, ainda no curto prazo, o impacto nas suas operações. “A SLC Agrícola, com operações fora do estado do Rio Grande



TÂNIA MEINERZ/JC

Impactos do evento climático extremo irão variar conforme o porte e a área de atuação das empresas espalhadas por todo o território gaúcho



TÂNIA MEINERZ/JC

Petry aponta problemas como os danos causados nos maquinários

do Sul, não foi afetada pelas enchentes, enquanto a Melnick reportou que a maioria de suas obras em andamento não foi severamente impactada e está coberta por seguro.

“O mercado aguarda a men-

suração de possíveis reflexos do desafio enfrentado pelos gaúchos desde maio na divulgação dos relatórios trimestrais das companhias com operações no Estado. Porém, estamos falando de grandes companhias com capacidade para contornar esse tipo de adversidade”, define Gustavo Machado, sócio-fundador e diretor da consultoria de investimento Musa Capital. Para ele, a questão fiscal ainda é mais relevante e se impõe nacionalmente, por isso, as gaúchas não devem sair penalizadas nesse quesito no médio e longo prazo.

Infelizmente, o mesmo não deve se aplicar às pequenas e médias empresas, muito atreladas ao consumo local e sem tanta capacidade de enviar produção e estoque para outras unidades, pontuam os especialistas. Por isso, medidas de apoio à retomada do setor produtivo e que animem a retomada do consumo seguem

sendo fundamentais ao ecossistema regional.

A pesquisa do Índice de Desempenho Industrial (IDI-RS), divulgada pela Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs) no início de julho, aponta para queda de 11,8% na atividade industrial em maio na comparação com relação a abril, na segunda maior baixa mensal da série iniciada em 2003, muito próximo do recorde de -12% obtido em abril de 2020.

“A dimensão histórica dos resultados negativos dos Indicadores Industriais deve-se à severidade das enchentes em diversas regiões do Estado, que atingiram, total ou parcialmente, direta ou indiretamente, as operações das empresas com perdas de estoques, danos em máquinas, equipamentos e instalações, além dos impactos na logística, fornecedores e funcionários”, afirma o presidente da Fiergs,

Gilberto Porcello Petry.

Parte do resultado negativo se explica também pela base alta de abril, que havia crescido 3,5% ante março. A queda acumulada do IDI-RS em 2024 acelerou de -1,5%, até abril, para -3,7%, até maio, respectivamente, ante os primeiros quatro e cinco meses de 2023. O varejo também enfrenta dificuldades. A Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) estima perda diária de receitas na ordem de R\$ 123 milhões, acumulando um prejuízo de R\$ 3,32 bilhões no mês de maio devido às enchentes.

As consequências afetam também, até hoje, a infraestrutura e o abastecimento dos estabelecimentos comerciais, com queda abrupta de 28% no fluxo de veículos de carga nas estradas do estado, segundo dados preliminares da Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT).

REPORTAGEM ESPECIAL

Fuga de capital estrangeiro passa a causar mais preocupações

Nos últimos meses, a bolsa de valores brasileira tem enfrentado um desafio significativo com a diminuição do fluxo de investidores estrangeiros. O mercado estima que a saída de capital estrangeiro da B3 no primeiro semestre deste ano já é a mais intensa desde 2020. O dado se torna mais preocupante tendo em vista a importância dos investidores internacionais que, atualmente, respondem por cerca de 54% do volume negociado na bolsa.

Segundo Gustavo Machado, sócio-fundador da Musa Capital, esse movimento é, em grande parte, impulsionado pela percepção de risco crescente no Brasil, incluindo preocupações com uma possível crise da dívida e a persistência da inflação elevada. Em contrapartida, outros países vêm oferecendo taxas de juros significativamente altas, tornando-se opções atrativas para investimentos seguros.

Machado enfatiza que uma melhora no cenário fiscal brasileiro, com o governo controlando gastos e sinalizando responsabilidade nas contas públicas, poderia reverter esse quadro. A retomada da confiança dos investidores estrangeiros poderia resultar em uma valorização ex-

pressiva da bolsa, impulsionando o mercado local.

Para o head de Renda Variável da Messem Investimentos, Gustavo Bertotti, o Brasil segue no protagonismo entre as economias emergentes, mas não tem sido suficiente para o aumento nos aportes internacionais e o crescimento das empresas no País.

Enquanto outras nações emergentes enfrentam momentos delicados, como Rússia e Argentina, o Brasil ainda se destaca positivamente. “Mas não basta. Os investidores estão migrando para mercados ainda mais consolidados, como os Estados Unidos, que vem pagando juros altos para seu padrão”.

Bertotti recorda que, no final do ano passado, o otimismo tomou conta dos investidores no Brasil diante de declarações do presidente do Federal Reserve (FED), Jerome Powell, que apontavam para a iminência do início de um ciclo de corte de juros. As mais recentes comunicações da autoridade monetária, no entanto, foram um balde de água fria e indicaram que as taxas devem permanecer no patamar atual por mais tempo.

O saldo de investimentos estrangeiros na B3 chegou a R\$

44,85 bilhões em 2023, sendo que somente em dezembro foi registrado saldo positivo de R\$ 17,4 bilhões. Em 2024, o saldo anual é negativo em R\$ 40 bilhões. Os dados mais recentes do relatório que analisa a evolução dos investidores na bolsa, divulgado em março deste ano pela B3, indicam, no entanto, estabilidade na quantidade de investidores pessoas físicas no mercado de capitais.

Machado, percebe esse movimento no dia a dia da consultoria de investimento. Com mais de 70% da carteira de clientes formada por gaúchos, principalmente das cidades da Região Metropolitana de Porto Alegre, da Serra e do entorno de Santa Maria, ele nota a estabilidade no número de clientes e de aportes - sem resgates abruptos.

“Aqui no Rio Grande do Sul, o que aconteceu foi que, a partir de maio, clientes em prospecção decidiram esperar um pouco mais para abrir carteira. Muitos deles são empresários que tiveram seus negócios atingidos, de forma direta ou indireta, e foram obrigados a realizar compras de materiais, equipamentos ou até reformar estabelecimentos. Tudo isso não estava previsto, é claro”, comenta Machado.



ACERVO PESSOAL/DIVULGAÇÃO/JC

Machado diz que, por outro lado, fluxo de brasileiros mantém estabilidade

Quanto às modalidades, no primeiro trimestre de 2024, houve um crescimento de 3% na base, representando 18% do total de recursos investidos em equities na B3. O número de investidores em renda variável sofreu leve retração (-3%), no entanto, quando comparamos o primeiro trimestre de 2024 com o mesmo período do ano anterior.

Já o número de investidores pessoa física em ativos de renda

fixa subiu 14% na comparação entre os trimestres - passando de 15,3 milhões no 1º trimestre de 2023 para 17,4 milhões em março deste ano. Quando analisamos o acumulado ao longo de 2023 com o início de 2024, percebe-se aumento de 3% no número de investidores no Tesouro Direto. Em relação ao estoque, observa-se um aumento de 2% no trimestre, atingindo o patamar de R\$ 130 bilhões em aportes.

JENIFER ABREU MESSEM/DIVULGAÇÃO/JC



Para Bertotti, mercado de capitais é uma oportunidade única neste cenário

Momento é propício para compra de ações de empresas bem fundamentadas a preços atrativos

Uma estratégia bastante comum no mercado de ações chamada alocação de ativos, que significa basicamente comprar na baixa e vender na alta, pode ser uma boa jogada na atual conjuntura. Ideal para quem está bastante consciente de que os investimentos no mercado de capitais devem ser focados em ganhos no longo prazo, este movimento, combinado com uma carteira diversificada, desponta.

Gustavo Bertotti, head de Renda Variável da Messem Investimentos, vê no mercado de capitais uma oportunidade úni-

ca neste momento. “Hoje, temos muitas empresas com excelentes fundamentos, que pagam bons dividendos e são geradoras de caixa. Estamos em um cenário onde uma eventual queda de juros beneficiaria ativos de risco, tornando ainda mais atrativas as oportunidades de investimento”, analisa Bertotti.

Laís Martins Fracasso, sócia da Fundamenta Investimentos, complementa que os mercados são cíclicos e “já vimos quedas semelhantes ou piores ao patamar atual quando olhamos horizontes de poucos meses”. Por este motivo, o

investimento em ações sempre deve ter um horizonte de prazos mais longos, quando há a recuperação dessas flutuações conjunturais.

“Um exemplo de queda relevante da bolsa foi no início da pandemia, quando vimos o Ibovespa cair 45% do início de 2020 até o dia 23 de março de 20, mas foi recuperando ao longo do ano e até fechou no positivo, subindo 3%. Com isso, não considero como preocupante a situação atual dos investimentos em bolsa, mas conjuntural”, ressalta, otimista em uma recuperação.

Responsabilidade social e sustentabilidade devem ser prioridades no mundo corporativo

GESTÃO » *Futerecom quer desenvolver o interesse de empresas em um movimento transformador*

O Futerecom — maior evento de conectividade, inovação e tecnologia da América Latina — assume a sustentabilidade e a responsabilidade social como forma de desenvolver o interesse nas empresas e nas pessoas por um movimento transformador que construa coletivamente um futuro em favor do meio ambiente, em defesa dos recursos naturais e da igualdade de condições para as gerações futuras.

Para orientar todas as ações nesse sentido, a detentora do Futerecom, Informa Markets, desenvolveu o programa “Faster Forward” para negócios sustentáveis, estruturado em três partes, com compromissos e atividades que abrangem as operações de todas as marcas e produtos do grupo. O programa se divide em Faster to Zero - Mais rápido ao zero; Sustainability Inside - Sustentabilidade por dentro; e Impact Multiplier - Multiplicador de Impacto.

Segundo Hermano Pinto, diretor de Tecnologia e Infraestrutura da Informa Markets, responsável pelo Futerecom, os fundamentos do ESG devem ser encarados como aliados dos negócios com eficiência e responsabilidade ambiental para transformar a sociedade de forma sustentável.

“Precisamos expandir a aplicação da tecnologia para atender a demanda por bens e serviços mais eficientes e sustentáveis, além de promover a observância de premissas de governança compatíveis para o balanceamento de recursos físicos e naturais com o retorno sustentável de investimentos e a capacitação e o letramento digital da sociedade como um todo”, enfatiza.

O primeiro objetivo do Faster Forward – Faster to Zero – é neutralizar a emissão de carbono até 2025, o que no Brasil a empresa praticamente alcançou em todos os seus produtos. A Informa Markets impôs a meta de ser um negócio de zero desperdício e zero carbono líquido. No pilar Impact Multiplier - Multiplicador de Impacto, a finalidade é influenciar todo o ecossistema em que a em-



Um dos principais objetivos é ligar as pessoas às redes e ao conhecimento de que necessitam para auxiliá-las em relação aos grandes desafios do futuro

presa está inserida a incorporar a sustentabilidade em todas as suas ações. A principal delas é causar impacto positivo ao gerar condições de melhoria do acesso ao conhecimento especializado, ajudar as pessoas a se conectarem com mais eficiência e investir nas comunidades da Informa Markets.

Por meio dessa conexão, a informação chega àqueles que buscam acesso a conhecimentos especializados e uma rede de profissionais. As plataformas digitais como o Futerecom são redes de conhecimento capazes de aperfeiçoar a capacitação de profissionais, além de promover a atualização tecnológica para a qualificação de mão de obra.

Por fim, o conceito Sustainability Inside é o que incorpora em

todas as ações e marcas a sustentabilidade. Nesta divisão do programa Faster Forward foi criado um projeto que inovou a construção dos stands em eventos presenciais com desperdício zero – objetivo que deve ser alcançado até 2030.

Segundo Hermano Pinto, “incentivamos montadoras e expositores a empregarem materiais reutilizáveis na montagem de seus stands como forma de conscientizá-los a diminuir a geração de resíduos”. Exemplo de ações nesse sentido é o uso de carpete feito de PET reciclado, sendo 80% reutilizado de eventos anteriores. Os resíduos pós-evento são encaminhados para reciclagem e transformados em novos produtos.

No campo da responsabili-

dade social, o Futerecom, assim como todos os eventos da Informa Markets, tem o compromisso de contribuir com um valor de pelo menos 1% do lucro antes de impostos para grupos comunitários até 2025, defender a diversidade e a inclusão e criar valor para as cidades anfitriãs.

Na prática, isso representa contratar Pessoas com Deficiência (PCD) em parceria com o programa PAE (Programa de atendente eficientes); oferecer cadeiras motorizadas para acessibilidade nas áreas de exposição e congressos; apoiar as iniciativas da Safrater, ONG que acolhe famílias de alta vulnerabilidade social, além da iniciativa Serenidade do Toque, que tem o intuito de formar e capacitar pessoas com deficiência visual na arte da massoterapia.

Araceli Silveira, vice-presidente de Sustentabilidade e Audiência da Informa Markets, revela que o papel de uma organização como a Informa Markets é ajudar toda a comunidade de tecnologia, inovação e conectividade a melhorar a sua própria sustentabilidade.

“Precisamos ligar as pessoas às redes e ao conhecimento de que necessitam para auxiliá-las em relação aos grandes desafios do futuro”, afirma. “Em um setor dinâmico e inovador como o de tecnologia e conectividade, enfrentamos desafios significativos como as emissões de carbono associadas às operações e infraestrutura tecnológica. No entanto, enxergamos esses desafios como oportunidades para inovar, buscar soluções eficientes e promover práticas mais sustentáveis.”

Empresas do RS podem pagar ICMS em 60 vezes



Iniciativa integra o conjunto de ações necessárias ao enfrentamento das consequências sociais e econômicas decorrentes dos eventos meteorológicos no Estado, facilitando o parcelamento de dívidas

Com o objetivo de auxiliar na recuperação da atividade econômica no Rio Grande do Sul após as enchentes de abril e maio, o governo do Estado está disponibilizando novas condições para o parcelamento de dívidas do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS) em até 60 vezes. A medida vale para todos os contribuintes e abrange débitos administrativos, junto à Receita Estadual (RE), e judiciais, junto à Procuradoria-Geral do Estado (PGE-RS). A Instrução Normativa RE 61/2024, da RE, e a Resolução 254/2024, da PGE-RS, foram publicadas no Diário Oficial do Estado (DOE) nesta semana. A adesão estará disponível a partir de hoje.

Conforme previsto no regimento, contribuintes estão dispensados de garantias e da entrada mínima de 6% para adesão ao parcelamento de débitos administrativos em até 60 vezes, incluída a prestação inicial, desde que o pedido seja feito pela internet. Outros requisitos também devem ser cumpridos:

- os créditos tributários de ICMS devem estar vencidos até 30 de junho de 2024, estejam ou não inscritos em dívida ativa;

- a parcela não pode ter valor inferior a R\$ 40 por débito;

- o valor total do pedido deve ser superior a R\$ 200;

- o pagamento da prestação inicial deve ser, no mínimo, de 1/60;

- o pedido de parcelamento e o pagamento da parcela inicial devem ser realizados até 13 de dezembro de 2024.

O pedido de adesão pode abranger créditos tributários que já estejam com parcelamentos em vigor, mesmo que com parcelas em atraso ou postergadas. Nesses casos, o ingresso no programa implica cancelamento do parcelamento vigente e consolidação do valor da dívida na data do pedido, além de renúncia a qualquer benefício previsto no parcelamento em vigor. A instrução normativa prevê também que as novas condições serão canceladas caso haja inadimplência por três meses.

A decisão de flexibilizar requi-

sitos obrigatórios para o parcelamento é semelhante à oferecida a empresas impactadas pelas consequências econômicas da pandemia de covid-19. “Com isso, buscamos estimular a atividade econômica e incentivar a regularização de dívidas. Não estamos abrindo mão de valores devidos aos cofres públicos, mas sim dando fôlego ao fluxo de caixa das empresas e possibilitando que elas fiquem em dia com suas obrigações”, explica o subsecretário da RE, Ricardo Neves Pereira.

Para os credores com débitos em cobrança judicial, a medida publicada também amplia a possibilidade de acordo, que deve ser buscado junto à PGE. A flexibilização vai permitir a dispensa de apresentação de garantias para a celebração dos acordos e a possibilidade da adoção de parcelamentos em até 60 meses, independentemente do valor do débito.

“A iniciativa integra o conjunto de ações do Estado necessárias ao enfrentamento das consequências sociais e econômicas decorrentes

dos eventos meteorológicos no Rio Grande do Sul, facilitando o parcelamento de dívidas”, salienta o procurador-geral adjunto para Assuntos Jurídicos, Thiago Josué Ben.

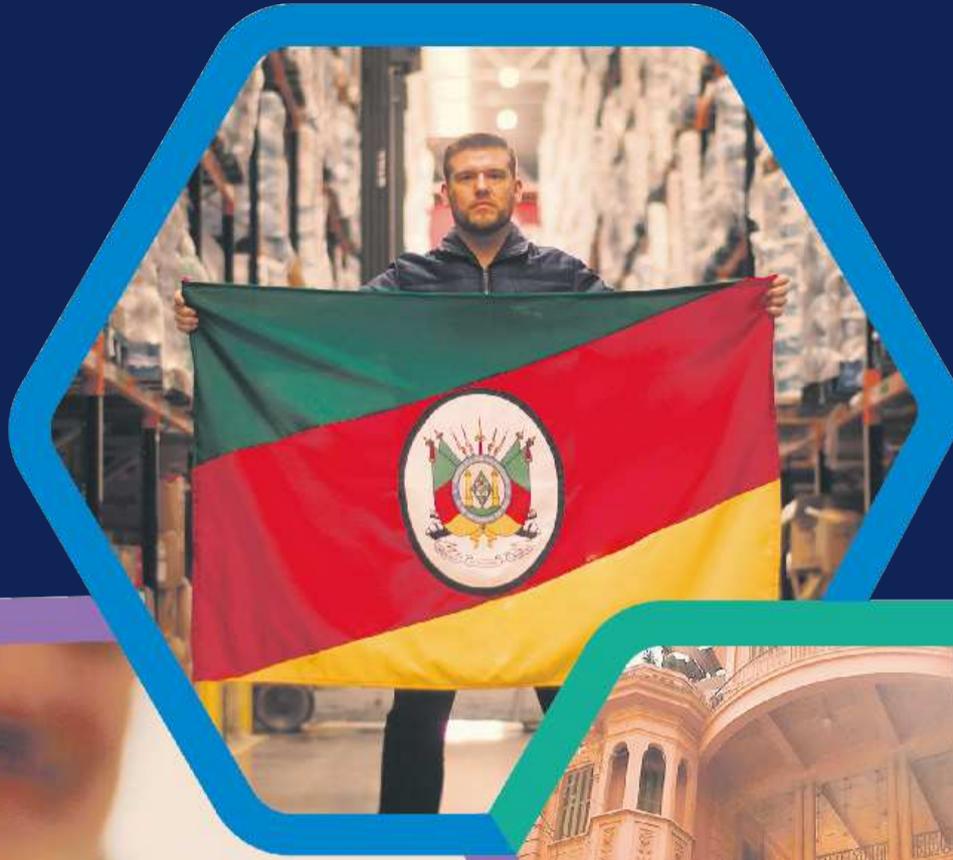
A medida é a primeira a entrar em vigor dentre um conjunto de oito novas propostas anunciadas pelo governador Eduardo Leite nos últimos dias. A maior parte das

Como aderir

A adesão poderá ser feita entre 8 de julho e 13 de dezembro, de forma virtual. Os contribuintes deverão acessar o Portal de Atendimento da Receita Estadual e clicar em “Pagamento e parcelamento de ICMS” e, em seguida, em “Iniciar parcelamento”. Mais informações serão disponibilizadas em breve na Carta de Serviços, no site da RE. A Receita sugere que os correntistas do Banrisul usem a opção de autorização de débitos tributários e não tributários de forma automática, que oferece mais facilidade e agilidade. A solução conta com total

demais depende ainda de aprovação na Assembleia Legislativa ou no Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz). As novas estratégias integram o Plano Rio Grande, que atua em três eixos de enfrentamento aos efeitos das enchentes: ações emergenciais, ações de reconstrução e Rio Grande do Sul do futuro.

segurança das operações. A opção para cadastro do débito automático em conta surge após a confirmação do pedido de parcelamento. Apenas a parcela de entrada deve ser paga por meio de Guia de Arrecadação. No caso de parcelamentos em andamento, é preciso entrar em contato com o Banrisul. Para débitos em cobrança judicial, o interessado na adesão deverá buscar a PGE diretamente em uma de suas unidades, ou por meio dos canais de atendimento disponíveis no site da Procuradoria.



NÓS VAMOS RECONSTRUIR JUNTOS.

O Barrisul acredita
na tua força e no futuro
de todos os gaúchos.



Assista ao filme da
campanha institucional

 **barrisul**

Um banco único.
Porque te entende.